



Quem são as personalidades que deram nome às ruas e às avenidas do Estado e qual a importância delas para o desenvolvimento capixaba? Para responder a essas e outras perguntas, a coluna "O Endereço da História" presta uma homenagem às pessoas que tanto contribuíram para o Espírito Santo. Confira.

MADEIRA DE FREITAS: O DESTINO MARCADO PELO PSEUDÔNIMO

É extensa a galeria dos médicos brasileiros que ganharam expressão nacional, e até

internacional, como escritores. Desde

Joaquim Manuel de Macedo, Afrânio Peixoto, Moacyr Scliar, Pedro Nava, Manoel Antônio de Almeida até o nosso maior romancista, Guimarães Rosa, esses profissionais da área da saúde, também intelectuais, dedicaram-se à arte de escrever e tiveram seus nomes projetados mais nas letras do que nos consultórios.

O capixaba José Madeira de Freitas se inclui nessa relação. De Alfredo Chaves, onde nasceu de pais portugueses, passando pelo Atheneu Leopoldinense, colégio em que concluiu o estudo fundamental, desde jovem evidenciou sua tendência para as áreas mais sensíveis do comportamento humano. Foi assim quando, aos 17 anos, matriculou-se no curso de Desenho e Pintura do Instituto de Belas Artes, em Vitória.

Sua mudança para o Rio Janeiro, em 1913, levou-o à Faculdade de Medicina, onde colou grau em 1917, aos 24 anos de idade.

O diploma, um laurel naquela época, não o desviou de sua irreversível tendência para o campo da criatividade intelectual. Demonstrando aptidão para o desenho, desdobramento do curso realizado em Vitória, publicou charges e caricaturas políticas na revista "Dom Quixote". Foi colaborador de "O Jornal", do Rio de Janeiro, de "O Estado do Paraná", de Curitiba, e da "Folha da Noite", de São Paulo, além de publicar trabalhos na maior revista brasileira daquele tempo, "O Cruzeiro".

No ano de 1916, atendeu ao chamamento da terra natal e retornou ao Espírito Santo. Mais uma vez, a medicina cedeu lugar à sua vocação para as artes, e o doutor José Madeira de Freitas apresentou-se no palco do Teatro Melpômene (o atual Carlos Gomes) com

José Eugênio Vieira é pesquisador com diversos livros publicados sobre a História do Espírito Santo e atualmente ocupa a Superintendência do Sebrae



Milhares de pedestres e veículos transitam diariamente pela Rua Madeira de Freitas, seja apenas por passagem ou em busca de um dos mais variados estabelecimentos comerciais que a via abriga



cenas, caricaturas de personalidades de Vitória, nacionais e internacionais, e recitando versos humorísticos por ele compostos.

Foi no mínimo instigante o pseudônimo escolhido por Madeira de Freitas para assinar sua extensa obra literária. Mendes Fradique correspondia a Fradique Mendes, personagem marcante de um romance de Eça de Queiroz, viajada e sofisticada, poeta da modernidade, de feição satânico. A analogia se reflete na postura política radical dos dois personagens. Fradique Mendes, no livro o autor português, aderiu a movimentos históricos como a unificação da Itália sob o regime fascista, e Mendes Fradique, na vida real, filiou-se no Brasil ao Partido Integralista, tornando-se redator-chefe do jornal "A Offensiva", principal órgão de comunicação da legenda liderada por Plínio Salgado.



Foto: Divulgação

Madeira de Freitas

A história foi implacável no registro da queda do fascismo europeu e do integralismo brasileiro. Mussolini foi morto pelos próprios italianos, que antes o idolatravam, e José Madeira de Freitas morreu em consequência

de um derrame sofrido em 1938, quando foi preso por agentes da ditadura Vargas. Morreu sozinho em seu apartamento, no começo de 1944, quando clinicava no Rio e lecionava na Faculdade Fluminense de Medicina. Deixou, de seu casamento, três filhos.

Seu extenso trabalho literário inclui "Contos do Vigário" (1922), "Dr. Woronoff" (romance, 1925), "A Lógica do Absurdo" (1926), "No Século da Cocaína" (1927), "Ideias em Zig Zag" (1927), "Gramática pelo Método Confuso" (1928), "O Bom Senso da Loucura" (1928) e "Pantomimas" (1928). Sua obra "História do Brasil pelo Método Confuso" teve grande aceitação, com sete edições sucessivas.

Em 1937 publicou "O Macaco – seminário hipocondríaco, órgão oficial da tristeza e da melancolia", uma espécie de premonição do que o futuro lhe reservava.

O povo de Vitória, por seus representantes na Câmara Municipal, reverenciou a memória do seu filho ilustre nominando de Rua Madeira de Freitas, uma importante via pública da Praia do Canto. (Copidesque: Rubens Pontes). ■

Mais fotos e vídeos na galeria do site:
www.revistaesbrasil.com.br/index.php/
artigos-e-colunas/o-endereco-da-historia

